

Futuros Amantes: Desejos, amores e esperas em um abrigo para idosos

Oswaldo Zampiroli

(Este trabalho preliminar tem como intenção se tornar um capítulo da minha tese, por isso há indicações de outros capítulos ao longo do texto).

Uma senhora, negra, com aparência de ter por volta de 80 anos de idade, tricota o que parece ser um cachecol. Uma outra senhora, branca, na casa dos 70, sentada num banco de madeira, num dia de sol quente, me aborda. Pergunta se minha pochete guarda um medidor de pressão (...) Sensação de estar perdido no ambiente. É muito claro para todos que não sou daqui. Esse negócio de ser antropólogo metido nos lugares é realmente desconfortável. (Primeiro Dia – Caderno de Campo. Agosto de 2018)

As duas mulheres que compõem a argumentação central deste capítulo, na cena trazida acima, coincidentemente foram as duas primeiras idosas que vislumbrei no abrigo voltado para esse público em meu primeiro dia de trabalho de campo. Fato esse que é realmente surpreendente, se tivermos em vista que a fundação abriga 67 idosos.

A literatura especializada sinaliza pontos chave sobre a experiência do envelhecer, dos quais observaremos as aplicabilidades e relevâncias nas trajetórias que serão contadas nas duas primeiras partes desta tese. Isto é “memória” e “labor”. Entretanto, a especificidade destas biografias, graças à articulação entre envelhecimento e espiritismo, nos coloca em um novo tensionamento de tempo: as expectativas, o futuro. Minhas interlocutoras narram uma vontade de amar e ser amada que não reside no tempo presente, mas num futuro indeterminado, que pode ser, em outra vida. Isso se dá por duas razões: a impressão de que o corpo envelhecido já não é mais morada para olhares de desejo sexual/afetivo e a certeza de que há vida após a morte¹. Desse modo, há em jogo aqui, precisamente, uma temporalidade que não está determinada pelos fenômenos empíricos que podemos observar com esse corpo (uma vez que o desejo se submete também a um

¹ **Pontos para expandir:** Apesar da Fundação ser espírita, não são todos os abrigados que seguem a doutrina. Há, ao que tudo indica, três tendências: 1. A permanência de novos moradores em suas designações religiosas/crenças prévias, 2. A conversão e 3. O hibridismo— sendo a terceira a mais comum. Desse modo, a crença em vida após a morte não é unânime. Toda quarta-feira e domingo há uma reunião espírita numa das áreas de convivência do abrigo e alguns idosos frequentam com assiduidade.

outro corpo, de uma outra vida), mas fortemente determinada pela compreensão de beleza dessa vida. O jogo desejoso dessas mulheres parte então de uma dualidade de habitações: a habitação dessa vida, nesse corpo, ao mesmo tempo em que se vive uma virtualidade, mais teleológica, codificada em certeza litúrgica - de dias melhores em que serão realmente amadas pelo homem ideal. Dorinha e Penélope nos revelarão trajetórias entrecortadas por assuntos que não terminaram, por histórias inacabadas. Assim, a tônica que se apresenta é muito similar à proposta metodológica de Biehl e Locke (2017) de uma antropologia do devir, da cinese perene em “tornar-se”.

Para debatermos as vicissitudes impressas na vontade de viver um “grande amor” em outra vida para essas mulheres idosas, dividirei este capítulo em três momentos. No primeiro e no segundo, apresentarei as personagens que compõem o universo da pesquisa e os traços de suas trajetórias que fazem relevo ao tema proposto. No terceiro momento, será trabalhada a articulação entre suas trajetórias e a maneira como amor, desejo, religião e geração se interseccionam com as temporalidades que minhas interlocutoras evocam. É preciso ter em mente, evidentemente, que ambas são espíritas e que a maneira de criar qualquer clima antecipatório, assim como a maneira que se espera, está profundamente determinada pela crença em vida após a morte.

Pela proposta de Gilberto Velho (1986), segundo a qual deveríamos “compreender melhor como a gramática social e cultural se expressa ao nível biográfico” (1986: 56), tomo suas trajetórias, capturadas por conversas e entrevistas ao longo de um ano, como fonte fundamental da pesquisa. Para tal fim, é importante deixar posta de antemão a dimensão emocional que produziam quando rememoravam fragmentos de suas vidas. Isto é, o “discurso” sobre si mesmas e sobre suas histórias, como bem apontam Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990), não entende a lembrança ou o momento presente como uma referência, mas como uma construção. Desse modo, no instante em que me contam alguma história, estão concomitantemente elaborando-a, tornando-a inteligível. Emoções, assim, ganham um caráter de prática discursiva, uma vez que são criadas e ganham sentido no próprio ato de fala. Ademais, gostaria de, por fim, sublinhar um esforço de escrita inspirado na ideia de uma “etnografia do particular” (Abu-Lughod 1991) na tentativa de dar mais ênfase ao trabalho de campo ao incorporar suas dimensões paradoxais, regulares e inconsistentes através, justamente, de práticas discursivas.

1.1.1. Amores adiados: as velas de Dorinha

Dona Dorinha não tem filhos e nunca se casou. Chegou no abrigo em janeiro de 2018, depois de um ano na lista de espera. A primeira vez em que conversei com ela foi num dia chuvoso de novembro, quando a antiga assistente social me convidou a ir até a “ala das gatonas”. Caminhamos do pátio direito, onde fica a sala da assistência social, até o pátio esquerdo. A diferença de pátio sublinha também a diferença de habitação – o prédio da esquerda é notadamente marcado por uma arquitetura característica do final dos anos 90 e início dos anos 2000. No fundo, se assemelha aos alojamentos de universidades. São dois andares – que se conectam por uma rampa e que findam na enfermaria do abrigo. Dorinha, como todos os moradores da fundação, divide o apartamento com mais uma pessoa, dona Márcia, de 92 anos de idade. No cruzamento de um pátio para o outro, a antiga assistente social, Nádia, grita olhando para cima: “Oi, gatona, tá pintando as unhas? Deixa-me apresentar um amigo meu”.

Dorinha estava sentada em frente a seu apartamento pintando as unhas de dona Márcia. Subi a rampa que levava ao segundo andar e fui apresentado formalmente como “um voluntário que gosta de conversar”. Dorinha é branca, tem o cabelo muito bem cuidado, magra e umas olheiras profundas. Estava vestindo um pijama com personagens da Disney e chinelos. Notei que suas unhas do pé estavam pintadas de vermelho. Ela me ofereceu uma cadeira de dentro do apartamento e me convidou a me sentar à porta junto a ela e dona Márcia.

O prédio da esquerda possui um corredor que funciona como uma grande sacada. É comum ver os moradores do abrigo sentados nos bancos de madeira dispostos pelo prédio batendo um papo ou só observando o movimento. Na minha primeira conversa com Dorinha e Dona Márcia percebi que, num primeiro momento, embora estivessem sendo gentis comigo, hesitavam no que falavam. A minha presença ali trazia consigo uma quebra na espontaneidade daquele ritual semanal das duas, o de pintar as unhas.

Conforme a conversa foi se desenrolando, dona Márcia quis fazer graça com Dorinha e disse “essa aqui é boba. Fica a vida toda falando do mesmo homem” ao que Dorinha respondeu com uma risadinha. O homem em questão é o doutor Hernandes, um

falecido médico com quem Dorinha namorou “há 40 e tantos anos atrás”² e que ela frequentemente traz em suas memórias.

Num dado dia, decidi visitar novamente a “ala das gatonas”. Dorinha estava na porta de seu apartamento cuidando de suas plantas.

Oi, menino. Que coisa boa te ver. Tô aqui plantando amor perfeito pra ver se o céu ajuda. Tô precisando de um amor, né.

Amor perfeito é aquela flor que parece violeta?

Isso, tem em várias cores. É a coisa mais linda do mundo. O meu Hernandes amava. Estava lembrando de uma coisa que ele me disse, você quer entrar pra ver as cartas que ele me mandava?

Dorinha e eu passamos a tarde inteira relendo as cartas que Hernandes havia escrito. Para cada carta, ela me revelava um capítulo diferente de sua história com a sua “metade da laranja” que era narrada de maneira completamente novelesca, num *plot* cheio de intrigas e reviravoltas.

Hernandes e Dorinha se conheceram num baile dançante. Ele, com 18 anos, fitava Dorinha dançar, na época com 28 anos, até que tomou coragem e pediu uma dança. Dorinha e Hernandes começaram a namorar logo depois numa relação “sem nenhum problema” que durou cinco anos e findaria porque Hernandes, com 23 anos, queria sair de Juiz de Fora para cursar medicina. Dorinha e Hernandes chegaram a se tornar noivos, fato esse que Dorinha sempre retoma quando fala de Hernandes, “meu noivo”, no presente. Há, para a separação, uma questão familiar implicada que Dorinha não me contou precisamente. O ponto central é que eles terminaram com a promessa de que se reencontrariam depois que Hernandes terminasse o curso, mas ele se casou no meio do caminho (e voltou a se casar mais duas vezes) e ambos eventualmente perderam contato. Eram os anos 1970 e Hernandes e Dorinha ficariam 30 anos sem se falar.

Num dado dia, em 2001, Dorinha, tomada de profundo saudosismo, resolveu buscar o nome de Hernandes no catálogo de telefone. Havia, entretanto, duas

² As estimativas trazidas, tanto na história de Dorinha quanto na história de Penélope são, de fato, uma estimativa. O tempo corrido é contado por algum grande acontecimento da época: a morte da mãe, o casamento da irmã, a formatura da sobrinha, etc. Há algumas contas que não fecham, mas decidi manter os números que elas usaram para imprimir como percebem o avanço do tempo. É interessante notar também, pensando na pesquisa como o todo, que fatos que aconteceram nos anos 60 são tomados como “30 anos atrás”. Há algo importante sendo informado nessa “confusão” e nessa impressão de passagem do tempo que investigarei em outra oportunidade.

dificuldades: a última notícia que ela tivera sobre seu noivo era a de que ele se mudara para Cabo Frio e ela não se lembrava do seu sobrenome. Investida de um ímpeto investigativo, resolveu ligar para todos as pessoas com o nome “Hernandes” do catálogo de Cabo Frio que conseguiu. A estratégia era simples: assim que alguém atendesse, ela pediria para falar com o doutor Hernandez. Se não fosse médico, ela já saberia que era o Hernandez errado. Uma vez que ele atendesse o telefone, ela falaria: “Olá, dr. Hernandez. Está lembrada de mim? Sou eu, Dorinha”. A resposta iria dar a ela a confirmação de que precisava.

Eu liguei *pra* ele logo antes de mamãe morrer. Quando ele percebeu que era eu, ele ficou muito surpreso. Disse assim, ‘faz o seguinte, desliga, porque eu tenho um compromisso’, devia ser negócio de Unicred, Unimed, sei lá, devia ser outra coisa e ele não quis falar, aí ele disse: “vou fazer esse compromisso, falar que eu não posso, inventar qualquer coisa e te ligo, pode deixar. Até porque fica mais caro *pra* você e assim quem vai gastar sou eu”. Não era telefone como hoje, eu *tava* no orelhão. Fiquei esperando e daí 15 minutos ele me ligou. Passamos uma hora e meia no telefone. Apaixonados igual adolescentes. Aquela coisa ‘desliga você’, ‘não, desliga você’. (Dorinha, novembro de 2018)

Dorinha e Hernandez ficaram meses conversando por telefone até que finalmente marcaram um encontro pessoalmente. Hernandez tentou disfarçar, mas acabou admitindo, ele disse, “vou para Juiz de Fora comprar camisas... Na verdade, eu queria te ver”. Infelizmente, alguns dias antes do reencontro, a mãe de Dorinha faleceu. Ela conta que saíram para jantar num “restaurante chique” na Avenida Rio Branco, mas que não foram para um motel e não transaram. Em compensação passaram horas conversando – fato esse profundamente valorizado por Dorinha. Hernandez confessou para Dorinha que nunca foi feliz em nenhum dos três casamentos e que também se pegava sempre relembrando do amor que haviam vivido 30 anos antes. Ele também foi central no apoio que ela precisava no que dizia respeito à recente morte de sua mãe. Hernandez era, segundo Dorinha, “espiritólico”³ como ela. Ademais, ele afirmou que enxergava sua falecida sogra de pé ao lado deles naquela noite e ela sorria em apoio àquele reencontro.

Ficamos conversando, conversando. Não chamei ele *pra* dançar, não chamei ele *pra* ir pra um motel. Depois desses anos, eu poderia ter falado *pra* gente passar a noite juntos. Não jantamos, ficamos só na azeitoninha e queijinho. Conversando e conversando. Ele foi para o microfone e cantou *pra* mim (suspiro profundo). A voz dele era igual à voz do Emílio Santiago. Cantou. Ficamos abobados os dois, sinceramente. Quando era de manhã ele me ligou para despedir (...) hoje eu fico pensando como a

³ Espíritas que gostam da liturgia católica e frequentam tanto as missas quanto as reuniões espíritas.

gente foi bobo. Eu tinha que ter feito o serviço completo, já pensou? Trinta anos depois. Mas minha mãe tinha morrido há poucos dias, eu ainda *tava meia*, não sei, chocada ainda. Ele despediu e a gente marcou um reencontro *pra* dali um tempo (Dorinha, novembro de 2018)

Hernandes sofreu um infarto fulminante e morreu alguns meses depois.

Dorinha me contou diversas histórias sobre sua vida amorosa, mas eu não me lembro e nem tenho registrado algum momento em que ela se referiu a Hernandes no passado. Sempre que é lembrado, Hernandes é chamado como “meu noivo”, “meu negão” ou “minha metade”. Hernandes, para Dorinha, nunca “foi”, ele sempre “é”. Por Hernandes, Dorinha comprou três velas de plástico que possuem uma luz acesa a pilha e que pode ser regulada por um pequeno controle remoto. É possível escolher as cores da luz, a intensidade do brilho e a maneira como piscam. As velas possuem um cheiro perene forte de plástico queimado misturado com um adocicado inebriante que inunda o seu apartamento. O cheiro e a luz constante são, segundo Dorinha, para que ela não se esqueça de Hernandes e nem da promessa de reencontro.

1.1.2. Tessitura da espera: o cachecol de Penélope

A primeira vez que vi Penélope, em meados de 2018, ela estava sentada em um desses bancos brancos de metal para jardins, tomando um pouco de sol no pátio direito. Penélope, dentre as pessoas que eu via indo e vindo pelo abrigo, me chamou particularmente a atenção por estar sempre sentada no mesmo lugar, no mesmo horário, praticamente todos os dias, fazendo a mesma coisa: costurando.

Penélope é uma senhora negra, baixa, fornida e de um olhar profundamente cansado. No dia em que resolvi sentar ao seu lado, nessa atividade que a vi recorrentemente fazendo sozinha, foi por uma ligeira curiosidade em entender o instrumento que Penélope tinha em suas mãos. Um pequeno tear de pregos feito com duas madeiras finas de aproximadamente dez centímetros, justapostas paralelamente uma à outra, que repousava cuidadosamente na sua palma da mão esquerda, enquanto a mão direita tentava puxar algum fio de lã verde bandeira. “Olá senhora, boa tarde. Posso me

sentar ao seu lado?”, perguntei. Penélope sorriu revelando apenas seus dentes inferiores e respondeu docemente que sim.

A minha curiosidade em relação a Penélope não residia somente no tear que ela segurava, mas na qualidade daquilo que ela preparava, que eu julguei ser um cachecol. Ele era longo, estimo ter dois metros, enrolado ao seu lado num amontoado que parecia estar longe de ser concluído. Os vários dias que observei sua presença no banco, ela permanecia cosendo o mesmo cachecol. Cada dia que passava, ela intercalava uma cor diferente. Um palmo verde hoje, um palmo azul amanhã, um palmo rosa depois de amanhã e assim por diante. Perguntei a ela, de supetão, porque ela não terminava o cachecol, ao que ela respondeu que aquilo não tinha necessariamente um uso, mas uma função, “na falta de homem, tricotar distrai, alivia e entretém”.

Sua voz fina soltou uma gargalhada que eu acompanhei com risos mais tímidos. “Penélope”, eu pensei, “vai ser seu nome fictício”. A peça de lã que não acaba e, ao que fui descobrir com nossas conversas, a espera pelo “homem ideal” compunham a cena de modo muito análogo à Odisseia de Homero. O silêncio que seguiu foi entrecortado com sua frustração:

Essa dobrinha que eu *tava* fazendo, ela emendava aqui, ela emenda aqui. O que aconteceu, eu trabalhei tanto com ela e ela me soltou aqui ó. É um pedacinho desse tamanhinho *pra mim* emendar. Eu falei ‘Deus como é que eu vou fazer agora? É a última peça que falta *pra mim* emendar’. Mas aí fui mexendo nas minhas coisas (...) Mas é bom demais né? Deus não nega a gente. A gente quando precisa das coisas tem sempre uma reserva. É assim a providência divina. Quando a gente pensa que *tá* no fundo do poço, Deus põe a mão. Eu já passei tanta coisa na minha vida que eu vou te contar. (Penélope, outubro de 2018)

Penélope não escondeu em nenhum momento, por exemplo, a felicidade que sentiu quando seu marido morreu⁴. Mãe de dez filhos, oito com o falecido marido e dois de criação, ela sofreu violência doméstica por dezoito anos.

Ele me batia muito. Eu trabalhava muito, lutava muito, mas todo dia ele me encasquetava. Além de que eu dava muita liberdade, ele ia para ali e ia para aqui e ainda me espancava. Por fim, eu morei com ele 18 anos. Mas você sabe, um dia eu cansei, de tanto eu falar, falar, falar e nada adiantava. Um dia eu falei *pra* ele assim ‘Você sabe que eu te amo, muito. Mas esse amor podia acabar’. E acabou mesmo. (Penélope, outubro de 2018)

⁴ Ela não é a única senhora com quem conversei que relatou algo como “o dia mais feliz de minha vida foi quando meu marido morreu”. Penélope repetiu frases análogas em diferentes oportunidades. (Ver Capítulo 5)

Penélope estava com cerca de 42 anos de idade quando uma amiga ofereceu para ela a oportunidade de ir trabalhar como doméstica no Rio de Janeiro – o que ela aceitou. Um dia, seu marido foi viajar com a amante para Aparecida do Norte, Penélope aproveitou e foi fugida para a capital fluminense. Seu marido era “ignorante e ciumento” e “tinha muita amante, tinha filho esparramado *pra* tudo quanto é lado, além dos meus”. Deixou seu filho mais velho, na época com 18 anos, encarregado dos mais novos e “deu” a mais nova, com um ano e oito meses, para sua mãe cuidar⁵. Partiu então para uma jornada ao Rio de Janeiro por quase oito anos.

O período no Rio de Janeiro, trabalhando como doméstica, é narrado para mim como um dos mais felizes de sua vida, só perdendo para o dia que soube da notícia da morte do marido e pode, finalmente, regressar para junto dos filhos. No Rio, Penélope redescobriu sua sensualidade, sexualidade e vivacidade. Foi um período em que ela voltou a se envolver afetivamente e sexualmente com outros homens, além de sair para dançar e se divertir. “Aí, lá no Rio, como é que eles falam? Solteira sim, sozinha não, né? Aquela época foi linda. Eu *tava* nova ainda, eu precisava ainda dar umas trepadinhas, não precisava? Faz parte da vida, não faz?”.

O que é central para nosso debate aqui é entender que para Penélope o amor tem um lugar central e, em seu período no Rio, ela sentiu que, mesmo em face das relações fortuitas (que ela não entende como traição, mas como vingança já que formalmente ainda estava casada), se sentiu amada. Ser amada, abraçar, ter alguém para conversar é justamente aquilo que baliza a compreensão de Penélope sobre gênero: ou seja, o que é um “homem ideal” ou um “homem de verdade”, coisa que “toda mulher merece”, assim como o que é ser mulher. Sua experiência com o casamento fez com que seu investimento em relacionamentos estagnasse, no sentido de relações duradouras, uma vez que há uma ética cristã muito forte na maneira como ela percebe o mundo e, assim, não quis casar de novo. Entretanto, passou a jogar para o futuro a possibilidade de encontrar um homem que a “valorizasse” da maneira que ela “merece”. O interessante aqui é compreender que esse futuro não é imediato, e, assim como para Dorinha, acontecerá em outra vida, outra encarnação. Ela diz que “ele [o marido] tinha ciúmes de mim, mas não sabia me amar. Quem não sabia me amar era ele. Um dia vou ser amada como a mulher merece”.

⁵ “Dar” um filho, na ética de Penélope, percorre caminhos muito similares aos relatados por Cláudia Fonseca e Camila Fernandes. (Ver Fonseca 2006, Fernandes 2017).

1.1.3. Os escafandristas, os sábios e os futuros amantes

A canção “Futuros Amantes”, do álbum Paratodos (1993), de Chico Buarque de Hollanda, evoca uma imagem distópica: uma Rio de Janeiro submersa esconde histórias de amores adiados. Em uma entrevista que o artista dá para a Band em 1993⁶, na ocasião do lançamento do álbum, ele diz que a música evoca “essa ideia do amor como algo que pode ser aproveitado mais tarde, que não se desperdiça. Passa-se o tempo, passam-se milênios, e aquele amor ficará até debaixo d’água”.

A faixa em relevo evoca figuras que sondam resquícios de outros tempos em busca de compreender os “vestígios de estranha civilização”. Os escafandristas e os sábios seriam aqueles que se esforçariam no processo de decodificar amores passados. A música me veio à cabeça como uma metáfora interessante para compreender a maneira como tanto minhas interlocutoras, como eu, nos relacionamos nesse abrigo. A dimensão de uma relação entre temporalidades, a vagareza com que se vive (“não se afobe não, que nada é para já”), meu ímpeto de investigar suas vidas (explorando “suas casas, fragmentos de cartas, poemas, mentiras, retratos”) e como elas mesmas esquadriham seus passados amorosos (“amores serão sempre amáveis”) - dão o tom dessa pesquisa.

Simone de Beauvoir, no segundo volume de *O Segundo Sexo* (2016), também traz em uma frase a possibilidade de pensarmos o passado como aquilo que condiciona o futuro quando estamos lidando com a temática das relações amorosas. Ela diz que “como a moça que *sonha* com o que será seu futuro, ela evoca o que poderia ter sido o seu passado, revê as oportunidades que deixou escapar e forja belos romances retrospectivos” (2016, p. 387). Compreender a maneira como minhas interlocutoras se estabelecem diante do futuro tem como parâmetro, justamente, o passado. Beauvoir e Buarque de Hollanda nos direcionam a pensar que é pelo escrutínio do que se é e do que se foi que é possível antever o que se será (ou, em contraste, o que não se quer ser).

O lembrar de “romances retrospectivos” (idem) vai se fazendo de modo concomitante a uma idealização de relacionamentos futuros. Penélope e Dorinha, embora

⁶ Disponível em < https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=59P64-TtOKY >. Último acesso: outubro de 2019.

a primeira não formule um “rosto” para a sua “cara metade”, vão delineando aquilo que entendem como “amor ideal” e como ser mulher ao narrar relações do passado. Ademais, suas vontades não têm pressa, porque ambas colocam seus corpos envelhecidos como impeditivo de realização nesta vida atual. Penélope diz:

Não, meu filho. Hoje eu tô com 74. Você sabe do que eu sinto falta? Normal, eu acho normal [o sexo]. Toda mulher deseja ser amada, ser... Eu sinto falta sim. Mas não é assim, só sexo não. A gente quer ser abraçada, quer conversar, quer trocar ideia, quer comentar um assunto um com o outro. Faz falta. O homem faz falta na vida da mulher. Mas, claro, tem que ser um homem bonzinho. E falo mesmo, todo rapaz que casou ou o que não casou também, dê carinho, dê carinho a sua mulher. Conversa com ela. Demonstra que ama. A mulher deseja muito ser amada, entendeu? É por isso que eu falo, a mulher ama mais do que o homem. Não tô dizendo que ele não ama, ele ama sim. Mas a mulher ama mais. A gente quer mais do marido da gente mesmo. A gente não quer só dar comida e roupinha limpinha na mão, a gente quer ser abraçada, a gente quer ser beijada, quer mesmo. A gente quer o marido perto da gente. Aquele ser humano que Deus colocou, aquele que é seu amor. (...) um dia vai ser minha vez. (Penélope, outubro de 2018)

Já Dorinha faz a seguinte declaração:

Um pessoal do abrigo tem me perguntado o que eu quero do papai Noel e eu sempre tenho vontade de responder a mesma coisa, mas vão achar que eu sou louca. A vontade é que eu quero um homem novo de olhos azuis. Ai, que delícia, imagina um homem novinho do papai Noel? Mas corre o risco dele não me querer, né? Mais de setenta, meu filho. A gente ainda tem fogo, mas os homens da nossa idade... Por isso tem que ser novo (Dorinha, dezembro de 2018).

É possível notar nos dois trechos que a idade é colocada em destaque para pensar as impossibilidades de se engajarem numa relação afetivo/sexual hoje. Outro ponto que podemos notar é a centralidade que o sexo adquire para ambas. Não registrei, em nenhum momento, desde que as conheci, algum tipo de comentário que rejeitasse o sexo no sentido de uma compreensão do envelhecimento como inibidor do desejo sexual. Suas reclamações circundam mais o corpo físico - que não possuiria mais nenhum atrativo, não é mais um “tensor libidinal”⁷ (Perlongher 2008). Penélope é ainda mais enfática na maneira como tensiona gênero a partir da quantidade de amor que se sente: para ela, a mulher é quem ama mais e a busca do homem-ideal seria encontrar aquele que compreendesse que a moeda de troca é a lealdade e o companheirismo, para além da quantidade de amor, da roupa limpa e da comida na mesa. Penélope evoca o passado de

⁷ A literatura especializada já apresenta um debate interessante sobre sexualidade e envelhecimento que segue essa tônica. Para saber mais acerca das temáticas de jocosidades, flertes e o caráter de “velha fogosa” ver Motta 1998, Bispo 2016a, Goldenberg 2013.

violência doméstica para fazer uma concessão: “mas tem que ser um homem bonzinho” e prevê que “um dia vai ser minha vez”⁸. O trabalho doméstico, compreendidos como obrigações femininas, não são questionados. Dorinha, por sua vez, aciona, como vimos anteriormente, na figura de sua “metade”, o médico, o par ideal predestinado a ela. O “negão” que virou sua vida ao avesso, um amor que não se apagou em 30 anos e que não se findará nessa vida.

Há entre Dorinha e Penélope uma percepção sobre envelhecimento que flutua sempre em relação ao assunto que estão tratando. Eu assumiria, tendo em vista as conversas que tive com outras senhoras do abrigo, que envelhecer não é algo que se nota como um fenômeno paulatino, mas como episódios que vão, o tempo todo, informando-as que estão envelhecendo (o mesmo é relatado por Bispo 2016a e 2016b, Martins at al. 2007, Fetherstone 1998; Beauvoir 2016), como uma espécie de coleção de pequenos “eventos críticos” (Das 1999b). “De repente caí, meu osso quebrou e fui vendo que não melhorava”, me disse uma vez uma senhora. Outros exemplos seriam o nascimento de netos, o casamento de sobrinhos e a menopausa – como uma espécie de *turning point* feminino (Beauvoir 2016). Já Penélope conclui: “não tô me sentindo velha. Claro, tô sofrendo das pernas, né? Mas não tô assim me sentindo uma velha coroca, uma coisa desperdiçada. Não tenho [um amor] porque não posso ter, mas eu quero e vou ter”⁹.

O caráter episódico da percepção de envelhecer deve ser contrastado aqui com a ideia de “máscara da velhice” de Featherstone (1998). Isto é, para o autor, o processo de envelhecimento enseja necessariamente uma divisão cada vez mais definitiva entre corpo e alma. A “máscara da velhice” atuaria ludibriando, ao esconder o “verdadeiro eu” (que

⁸ Penélope faz uma concessão, uma previsão, mas também um apelo. Acredito que ela tenha dimensão do caráter público que nossa conversa poderia ganhar – uma vez que está claro para ela meu interesse de pesquisa. Assim, me pareceu que seu apelo procurava maiores palcos. Por isso destaco mais uma vez a importância de “todo rapaz que casou ou o que não casou também, dê carinho, dê carinho a sua mulher. Conversa com ela. Demonstra que ama. A mulher deseja muito ser amada, entendeu?”.

⁹ Há muito a se dizer sobre isso, mas tentarei ser conciso. Os pontos aqui serão mais trabalhados no capítulo 6. É importante marcar que as reclamações acerca do corpo são majoritariamente relativas às dores corporais como “tô sofrendo das pernas”. A ênfase na vaidade é para efeito retórico e pela circunscrição temática deste capítulo. Para ilustrar a centralidade da dor, uma pequena anedota: um dia conversando com a pesquisadora e amiga, Cristina Dias, da Universidade Federal de Juiz de Fora, sobre as reclamações constantes que os idosos no abrigo fazem em relação ao corpo, Cristina respondeu: “A dor parece uma entidade grudada na pessoa”. É bem verdade, toda vez que vou a campo sigo meu caminho cumprimentando “Bom dia Fulano, como vai a dor na ciática” – ou coisa parecida. Nas palavras de Cristina “a ética do ‘bom dia’, um bom dia *pra* pessoa, um bom dia *pra* dor”. Ou talvez a noção de pessoa passa a se atrelar intimamente à dor. De acordo com a ética local, portanto, é de bom tom perguntar sobre as dores do corpo. Já nas palavras de dona Helena, a mesma que quebrou o osso da perna, outra moradora do abrigo, “meu filho, a mente é passarinho. O corpo é âncora”.

é o espírito jovem/alma) atrás da máscara (o corpo envelhecido). Quando se dá ênfase, tanto da perspectiva acadêmica quanto da maneira como se narra a própria vida, à dimensão de um “verdadeiro eu” que é necessariamente “ativo” e “disposto”, passa-se a, em concomitância, mascarar a “máscara da velhice”. Ou seja, passa-se a evitar tratar do tema do fracasso e da efemeridade. Parece-me que tratar o tema do envelhecimento por sua dimensão episódica e acontecida destoa, em pequeno grau, da maneira como tradicionalmente essa impressão de envelhecer aparece. O espiritismo e a imaginação de futuros já dão, de antemão, a separação cartesiana entre corpo e alma. É justamente nessa separação que a “máscara” é evidenciada e não ocultada. Dorinha e Penélope justificam o não envolvimento sexual/afetivo com outros homens pela máscara¹⁰.

Ademais, essa percepção de envelhecimento como um conjunto de episódios nos revela a maneira como os homens da mesma faixa etária são esquadrihados. Há uma forte tendência a reduzir esses homens à sua potência e gosto sexual. Outros idosos, segundo elas, “preferem as mais novas” ou “não dão conta do recado”. Certa vez, Penélope me disse que “homem sem pau é igual vassoura sem cabo”. Já Dorinha, no trecho que destaquei acima, também dá de ombros aos homens de sua geração. Ela diz que “a gente [mulheres mais velhas] ainda tem fogo, mas os homens da nossa idade... Por isso tem que ser [um homem] novo”. Diferentemente das dançarinas “chacretes” na pesquisa de Raphael Bispo (2016a) e das dançarinas do “Baile-ficha” para Andréa Moraes Alves (2004), onde o corpo é positivado por aquilo de jovem que foi preservado, minhas interlocutoras pensam que seus corpos, ao que tudo indica até o momento, não são percebidos como algo que está passível de ser (re)moldado ou aperfeiçoado. Nem por plástica, nem por atividade física ou qualquer coisa que as valham. Assim, desconfio que há algo de “terceira via” ainda para ser pensado sobre vaidade e percepção de envelhecimento. Sobretudo porque, se há alguma *bildung* presente em suas narrativas, esta mantém seu ideal estético num plano imaginativo de um futuro melhor. Por ora, a reflexão ficará restrita a esta dimensão binária entre “jovem” vs. “velhos” e “alma” vs. “corpo” e suas interpenetrações situadas e táticas.

Por outro lado, toda vez que me ponho a refletir sobre pesquisas que lidam com biografias e trajetórias, enfrento a mesma dúvida: e o que não foi dito? Michael Pollak (1989) e Veena Das (1999a e 2011) trazem para o debate uma contribuição central para

¹⁰ Nós veremos em outros capítulos que de modo geral, a “máscara” impera sim. Mas aqui, há um deslocamento importante.

esse texto, portanto, ao pensarem sobre o silêncio. O sentimento de solidão, por exemplo, constituiria aquilo que aparece “nas periferias do dizível” (Bispo 2016b)? Do ponto de vista de Pollak, poderíamos tomar o silêncio como uma tentativa de evitar ambiguidades e mal-entendidos (Pollak 1989). Já em Das o silêncio pode ocultar o horror e a violência vivida que não consegue, e não pode, se concretizar na fala (Das 1999a). Isto é, todos esses autores expressam que muitas vezes o silêncio é sinônimo de proteção (Das 2011 e Pollak 1989). Mas é possível também esticar o silêncio para sua dimensão relacional. Minha interação com Penélope e Dorinha, assim como esses depoimentos coletados, só foram possíveis nos intervalos de alguns silêncios. O “trabalho do tempo” (Das 1999a), por exemplo, exerce uma força importante no que diz respeito à possibilidade de que certas histórias sejam contadas – de que relações sejam feitas (e desfeitas), mas também de que certas histórias se mantenham inenarráveis. De todo modo, o que une os autores e o porquê de trazer o silêncio como um mote para o final deste capítulo é que ao tomarmos sua dimensão discursiva (“não se fala por”) está posto um conhecimento que impede a fala – ao que Das nomeará de “conhecimento venenoso” (idem). O que me interessa aqui é tomar esse conhecimento como resultado de um sofrimento. Em outras palavras: o sofrimento como uma forma de conhecer (idem). Se o conhecimento do passado pode trazer ao presente sua atmosfera de sofrimento, é pela mesma lógica que proponho pensar os exercícios de imaginar amores futuros como uma maneira de transportar para o presente a atmosfera mais feliz de um “horizonte imaginativo” (Crapanzano xxx). Isto é, uma inversão da proposição de Veena Das a qual nomearei de “conhecimento desejoso”.

Essa mudança na maneira de perceber o embaralho de temporalidades tem me perseguido desde minha dissertação. Cheguei a escrever sobre isso numa dada oportunidade tensionando a categoria “sonho” às “normas” (Zampiroli 2018b). Mas foi recentemente, com a leitura mais atenta de Ernst Bloch, que pude capturar melhor o espírito do que venho pensando.

O autor socialista Ernst Bloch, em “O Princípio Esperança” (2005), se dedica a refletir sobre as potencialidades revolucionárias que categorias de esperança possuem. Isto é, o autor acredita que, para além de uma ética de vida, há nas utopias¹¹ um caráter de transmutação social. Assim, em Bloch, não é o medo ou o sofrimento que orienta

¹¹ Há, nos estudos Queer, uma importância central aos temas tanto da “utopia” quanto do fracasso. Tensionaremos o fracasso às utopias no capítulo seguinte. (Para mais, ver Rodriguez 2014; Muñoz 2009; Halberstam 2011; Edelman 2004).

verdadeiramente os homens, mas a esperança. Quando se descobre a felicidade, dá-se o fim do começo. Se, para o autor, a vontade é filha da felicidade, o desejo sempre reaparece para cobrar repetição. Tendo em vista esta dimensão, a possibilidade de felicidade traz à pessoa a capacidade de escrutinar o passado e oferecer, em concomitância, uma abertura para o futuro. Isto é, o “princípio esperança” (idem). A força desse princípio reside justamente em sua qualidade não-natural. A esperança seria necessariamente um ímpeto revolucionário, uma insurreição contra o natural¹². Nesse sentido, a esperança (assim como os sonhos e as utopias) ganha características dinâmicas de “reanimar o passado, orientar o presente e visar o futuro” (Furter 1974). Outro fator fundamental aqui é o fato de a esperança ser uma técnica que sistematiza a espera, como as velas de Dorinha e o cachecol de Penélope¹³. Bloch diz:

“O ato de esperar não resigna: ele é apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso. A espera, colocada acima do ato de temer, não é passiva como este, tampouco está trancafiada em um nada. O afeto da espera sai de si mesmo, ampliando as pessoas, em vez de estreitá-las: ele nem consegue saber o bastante sobre o que interiormente as faz dirigirem-se para um alvo, ou sobre o que exteriormente pode ser aliado a elas (...) A vida de todos os seres humanos é perpassada por sonhos diurnos, que em parte são apenas uma fuga insossa e até enervante, e até presa para enganadores. Outra parte, porém, instiga, não permite se conformar com o precário que aí está, não permite a resignação” (Bloch, 2005, p. 13-14)

A dimensão do marxismo blochiano que flerta com o motivacional apresenta um clima muito similar ao que pude apreender da “ética do bem viver” (Almeida 2016) de minhas interlocutoras. Ademais, a imaginação passa a se colocar como uma maneira de libertação do poder maciço que é o presente imediato.

Quando narrei, na introdução, a surpresa que tive com o modo como futuridade apareceu em campo para mim, era justamente porque eu não contava com a percepção da

¹² No capítulo seguinte vamos tensionar a percepção de fracasso na etnografia com Ernst Bloch. Para ele, o fracasso é uma experiência que resulta da “pluralidade dos tempos”. Isto é, as pessoas vivem tempos diferentes nas mesmas épocas. Mais uma vez o autor bagunça com as temporalidades ao acionar a dimensão do fracasso para pensar, mais precisamente, as tentativas de revoluções socialistas ao redor do mundo ao longo do século XX. Para que possamos seguir o fio de seu “humanismo esperançoso” (Furter 1974), devemos 1. Tomar consciência de nossas carências; 2. Do nosso campo de possibilidades; 3. Do que podemos conquistar (imaginar). Se, em meio à experiência do fracasso, conseguirmos sistematizar a esperança, enquanto princípio, é possível transformar o futuro em uma obra humana – e não um mero acaso. Destarte, o futuro blochiano pode, mesmo minimamente, ser controlado (Bloch 2004).

¹³ Neste capítulo, dei especial atenção ao imbricamento entre “espera” e “amor”. Desse modo, as velas e o cachecol ganharam sentido material nesse interstício. Mas tudo indica que os sentidos desses objetos são muito maiores. O tricô, por exemplo, tem um espaço central no preenchimento do tempo para evitar o tédio – além de suas funções como capa de botijão de gás, colcha, etc (Como veremos na parte II da tese). Ademais, Penélope o vincula muito mais ao “sexo” do que ao “amor”.

espera como uma ação, como um princípio. Não há, como tinha imaginado a priori, entre Penélope e Dorinha, um entendimento do passado numa modalidade meramente contemplativa ou mesmo resignada, como na máxima “Deus sabe o que faz” (embora eu já tenha ouvido essa frase repetidas vezes em outras ocasiões). O ponto é que, pensando a dimensão mais prática de como narram suas vidas, elas não tomam aquilo que viveram como algo de que um dia participaram, mas como episódios que ainda (re)vivem pela memória repetida¹⁴. É na compreensão e aceitação da cinética intertemporal, ensejada por memórias, fragmentos de cartas, poemas, mentiras, retratos, sonhos, que se exercita o “princípio esperança” e se dinamiza o presente. Assim como, é pelo conhecimento desejoso que se antecipa amores e, assim, presentifica-se felicidades de uma atmosfera de outro tempo e outro espaço.

Ao dar à dimensão textual deste capítulo, como foi assinalado na apresentação, um caráter de “etnografia do particular” (Abu-Lughod 1991), devo reconhecer também seu caráter de “inacabado” (Das 1999; Biehl e Locke 2017) no sentido de perenemente estar “em aberto”. Acredito que essa abertura à feitura, à canção de Buarque de Hollanda, ao “princípio esperança” de Bloch e às retrospectivas de Beauvoir ajudam a construir o tom de tensionamento de temporalidades que minhas interlocutoras promovem constantemente sempre que me contam alguma nova história. O processo de trabalho de campo, tão vagaroso quanto a vida no abrigo, me fez perceber que é pelo escrutínio do passado e pela percepção da velhice no presente que aparecem os ensaios de outros futuros. Essa perspectiva, assim como a liturgia espírita nos transporta para um deslocamento na maneira de percepção do envelhecimento, sobretudo para o envelhecimento feminino, ao deslocar a discussão para a futuridade.

¹⁴ Esta discussão estará mais presente na Parte 1 da tese.